

## CRISTOLOGIA I

---

### O POVO HEBREU

Depois da queda da humanidade (Adão e Eva), o homem passou a viver longe da presença de Deus (Gn. 3) e vivendo de forma errante sobre a terra, poucos foram os que encontraram graça diante de Deus. Alguns povos eram politeístas e outros monoteístas, e entre si travavam muitos conflitos políticos, econômicos e culturais.

Dentre esses povos, Deus inicialmente escolhe um clã para veicular sua revelação que tem início com os patriarcas, e o primeiro é Abraão “Nosso pai na fé”, homem temente a Javé com o qual estabelece sua aliança divina. (Gn. 12, 3). O local era Ur, situado a margem ocidental do rio Eufrates. Tradicionalmente eram pastores e agricultores e se abrigavam sob tendas.

Daí começa a história do povo hebreu e a promessa divina se reafirma com seus descendentes, continuando o seu caminho espiritual.

A história de Isaac, filho de Abraão, mostra a felicidade da promessa divina, que o abençoa na terra antes prometida a seu Pai. (Gn. 26).

Isaac gerou dois filhos. O mais velho era Esaú e o mais novo Jacó. Estava profetizando que Jacó seria o herdeiro da benção, (Gn. 25, 23) e com muita esperteza consegue esse direito (Gn. 27).

Jacó, que passará a se chamar de Israel (Gn. 32,28-29), tivera muitos filhos, e um deles é José a quem mais amava. Seus irmãos, com inveja, o capturaram e o venderam a uma caravana que ia para o Egito. (Gn. 37, 28).

José que sempre conseguia interpretar sonhos, também o fez com os do Faraó (Gn. 41, 14-33). E José prospera no Egito. (Gn. 41,39-40).

Por causa da grande fome que está por vir, Israel manda seus filhos para o Egito em busca de alimentos. Chegando lá José os reconhece (Gn. 45, 4-7). Partindo para o Egito (Gn. 46, 6-7) lá se estabelecem. O quadro político do Egito muda. Eles já eram bem numerosos e foram submetidos à escravidão da qual são libertados pela mão do grande Moisés que tem a missão de reconduzi-los para a terra prometida (Ex. 3, 9-10).

Porém Moisés não consegue, cabendo agora a Josué levá-los à terra prometida após 40 anos de caminhada no deserto.

Após a morte de Josué o povo entra numa decadência moral e religiosa (Jz. 2,11). O sincretismo foi uma das causas; a desunião era constante. Contra esses sinais de decadência, surge a intervenção dos juízes, heróis tribais, destacados nos momentos críticos, e que passam a dirigir o povo nas operações militares contra as populações resistentes a Israel (Jz. 2,16).

Os perigos de dominação por outros povos eram constantes e já sendo praticamente conquistados pelos filisteus eles pedem a Samuel, um dos chefes espirituais da época, um rei que pudesse governá-los. (I Sm. 9,15-17). Mas Saul deixa-se levar pelo fascínio do poder e é corrompido. Javé o rejeita (I Sm. 15,11).

Surge então uma nova esperança de um rei: Davi (I Sm. 16,13). Começa aqui a era monárquica. Oriundo de Belém de Judá, a ele deu a definitiva vitória sobre os filisteus, e a estabilização da nação, escolhendo a fortaleza de Jerusalém para a capital. Davi reinou com muita sabedoria.

A Davi sucedeu Salomão (I Rs. 1,29-30), época de prosperidade material e cultural, e do erguimento do templo de Jerusalém (I Rs. 6,1-10).

Nos últimos anos acontece novamente a decadência moral e após a morte de Salomão o reino se divide: Israel, que elege um rei para se estabelecer ao Norte e Judá que se estabelece ao Sul e mantém as tradições religiosas de seus antepassados.

Dentro de toda essa confusão dá-se início a era profética. Homens carismáticos manifestavam os desígnios (desejos) e juízos de Javé, interpretando o significado das situações, anunciando punições ou promessas divinas.

Profetas que se destacam antes e depois do pré-exílio e outros durante, motivando o povo sobre a nova aliança. Mas mesmo depois da libertação do exílio há novos profetas.

Porém só o reino de Judá continua a prosperar para a grande aliança.

## CRISTOLOGIA II

### A ÉPOCA EM QUE VIVEU JESUS CRISTO

Enquanto os Judeus esperavam o grande dia da vinda do Messias, anunciado pelos profetas, viviam sob constantes ameaças de dominação por povos vizinhos.

Na época de Cristo, a Palestina fazia parte do Império Romano e é, portanto necessário apresentar rapidamente esse pano de fundo constituído por esse Império, descrevendo um pouco da sua história. Roma, logo após sua fundação, tornou-se uma República e em pouco tempo chegou à condição de império mundial, abatendo todos os povos à sua mira e dominando-os.

Como suas conquistas foram muito grandes, o imperador não tinha como administrar todos os territórios conquistados. Assim sendo, delegou para cada província ocupada um governador subordinado a Roma. Como dissemos, a Palestina não ficou imune a tal opressão, porém o imperador ao dominar a Palestina, observou que se tratava de um povo inquieto quando se tratava de mudar seus costumes religiosos, achando por bem não contrariá-los, deixando-os em liberdade religiosa, com ressalva de que todas as questões políticas seriam resolvidas pelos governadores ali delegados.

Quanto às organizações econômicas, políticas e sociais, era assim resumidamente, que se encontrava o povo Hebreu na época de Cristo.

- Os produtos da agricultura eram basicamente o trigo, a cevada, a figueira, oliveiras, vinha e outras frutas e legumes (ervilha, alface, agrião);
- A pecuária era certamente o setor menos rentável da Palestina. O interesse estava basicamente nas ovelhas (para reprodução) e nos cordeiros (para culto);
- Outra atividade econômica era a pesca, mais intensa na costa do Mediterrâneo, no Jordão e, sobretudo no lago de Tiberíades;
- Outras atividades menos importantes eram as construções, fiação e tecelagem (mão-de-obra, sobretudo feminina), a do couro, cerâmica;
- O comércio era basicamente centrado no templo, que tinha necessidade enorme e recursos maiores. O comércio interno entre os particulares era muito reduzido. A ele se preferia trocas no interior da aldeia, evitando deslocamento e, portanto o pagamento de taxas. Já o comércio externo era mais conhecido, dando-se preferência aos produtos de luxo, como o cedro do Líbano, por causa da nobreza da madeira, da qual se fazia o madeiramento de vários palácios da época.

Socialmente os Hebreus eram muito diversificados e, desde o retorno do *exílio* não havia mais reis. O Sumo Sacerdote tornara-se pouco a pouco expoente da sociedade judaica e por causa de suas funções gozava de grande dignidade, o que lhe conferia uma situação financeira confortável. Suas rendas provinham de duas fontes: a parte retirada dos sacrifícios (cinco semanas por ano) e o dizimo.

A figura da mulher na sociedade hebraica é uma questão de difícil compreensão, não sendo fácil determinar as condições da mulher na época de Cristo. O lugar da mulher é em casa e fiando a lã (na Judéia), ou linho (na Galiléia). Ela nada tem a fazer fora de casa e quando era obrigada a sair, deveria guardar o anonimato mais completo: por isso usam. Porém a mulher é também filha de Israel, o que lhe confere direitos: seu marido era obrigado a lhe dar o necessário em alimentos, vestes e dinheiro para uso próprio.

A classe média, da qual temos poucas informações, é composta pelos comerciantes e artesões, e tem sua prosperidade econômica ligada ao templo.

Quanto mais descemos na hierarquia social deste povo, mais raras são as informações que temos; em todas as literaturas do mundo fala-se pouco dos pequenos, contudo, podemos distinguir algumas categorias: os pequenos proprietários agrícolas, os pequenos artesões, o pastor, o médico. A lista negra das profissões é tão comprida, que se tem impressão de que resta pouco espaço para as profissões honestas.

Acontecia também que se alguém, em conseqüência de maus negócios, de acidentes ou de doença, se tornasse incapaz de trabalhar, eles eram mais ou menos excluídos da sociedade, tornando-se mendigos, ladrões, escravos, formando a classe dos miseráveis.

Dentro dos Judeus existiam grupos políticos-religiosos ou seitas, que tiveram papel de grande importância na época de Cristo, os principais são:

**Levitas** - eram os menos favorecidos do templo. Jamais tiveram direitos à parte da retirada dos sacrifícios como também ao dízimo, o que outrora lhes estava reservado (Nm 18,20-32).

**Anciões** - apesar de terem riquezas e de serem os “primeiros em dignidade”, sentem falta do acesso ao templo o qual era reservado aos descendentes de Levi.

**Escribas** - pouco numerosos, mas tendo um peso social considerável, poderiam ser colocados após os Anciões. Os escribas são os especialistas da Lei e da sua atualização em função dos novos tempos e dos problemas concretos que se opõem, esperando também ser um guia espiritual.

**Saduceus** - consideravam-se como detentores legítimos do sacerdócio, na linha de Ezequiel (Ez. 40, 46). São eles que estão em constates advertências políticas no país. Negam, com efeito, a ressurreição, apoiando-se na concepção tradicional de uma retribuição imediata e material, já que possuíam a riqueza e o poder, portanto, Deus os abençoa e que são justos. Aceitar um juízo e uma retribuição após a morte seria perder a segurança.

**Zelotas** - era uma seita com tendências muito radicais, rigorosas e violentas: executam impiedosamente aqueles que, aos seus olhos, são infiéis à Lei de Moisés. Buscavam muitas vezes alianças com romanos em vez de confiarem em Deus somente.

**Fariseus** – recusavam o engajamento político ativo e pensavam obter a salvação do povo e do país por sua piedade, favorecida por um estudo sério da Lei.

Às vezes, são verdadeiramente defensores do povo e se apresentam como primeiro partido: político e religioso.

**Os Essênios** – por verem as outras regras religiosas muito complicadas, acharam por bem se afastar do povo passando a morar no deserto. Destaca-se seu apego às regras de dureza e a seu tradicionalismo absoluto.

Existiram outros grupos, mas que não tiveram tal importância na época de Cristo. No geral, os Judeus eram muito apegados às suas instituições religiosas, como o templo, o sábado, as festas.

## CRISTOLOGIA III

### A VIDA DE JESUS CRISTO

Não sabemos ao certo o ano do nascimento do Messias, dado que as referências carecem de precisão e naquele tempo não havia certidão de nascimento. O que os evangelistas informam é que nasceu no tempo do rei Herodes (Lc. 1,5). Trata-se de Herodes, o Grande, que reinou mais ou menos quarenta anos e morreu no ano 4 a.C.

*“Estando Maria, sua mãe, desposada com José, achou-se ter concebido por obra do Espírito Santo, antes de coabitarem”* (Mt. 1, 18). O procedimento matrimonial dos hebreus desenvolvia-se em duas fases: primeiro troca de compromissos diante das testemunhas, depois a transferência da esposa para a casa do marido. Do ponto de vista jurídico, a troca de compromissos, para todos os efeitos, já era um casamento: O homem tinha todos os direitos matrimoniais sobre a moça. Enquanto não se transferia para a família do marido, a esposa continuava vivendo em geral por um ano na casa dos pais. Foi justamente nesse período que Maria *“achou-se ter concebido, por obra do Espírito Santo”*.

José, seu esposo, sendo justo e não querendo difamá-la, resolveu repudiá-la secretamente (Mt. 1, 19). Mas um anjo enviado em sonho por Deus explica a José que o filho gerado em Maria é do Espírito Santo. Dessa maneira, tudo foi preparado para a vinda do Messias, porém, naqueles dias, saiu um edito de César Augusto, para que se fizesse o recenseamento dos povos (Lc. 2, 1-2) e José, seguindo o hábito judaico, leva Maria, sua esposa, que estava grávida, para ir se inscrever no local de origem de sua casa: Belém. *“Aconteceu completaram-se os dias em que devia dar à luz e deu à luz o seu filho primogênito. Enfaixou-o e o reclinou numa manjedoura, por que não havia lugar para eles na estalagem”* (Lc. 2, 6-7). Herodes perturbado com as notícias sobre o novo rei, convida os magos e finge interessar-se pelo fato: *“Quando o encontrardes comunicai-me, a fim de que também eu o vá adorar”* (Mt. 2, 8). Na realidade sua intenção é matá-lo. Mas uma interferência divina faz com que os magos voltem para suas terras sem passar novamente por Herodes, e avisam a José que deve fugir para o Egito com o menino e Maria. Herodes morre, porém antes, manda matar, em um ato de loucura, todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus arredores, na idade de dois anos para baixo (Mt. 2,16). Depois disso, um anjo aparece a José em sonhos, dizendo-lhe: *toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel.* (Mt. 2, 20) Mas José fica sabendo que na Judéia reinava Arquelau, filho de Herodes. Com medo de ir para lá prefere estabelecer-se em Nazaré, vilarejo da Galiléia.

Como qualquer outro menino, para todos os efeitos Jesus também permaneceu sob a tutela dos pais até a idade de doze anos. Seus pais obedecem às prescrições da Lei: circuncidaram-no oito dias após seu nascimento e levaram-no ao templo passados os quarenta dias estabelecidos para a apresentação dos primogênitos. Aos doze anos (parece que, às vezes, aos treze) mudavam o estado legal do filho. Presumia-se que, nessa idade, o menino era capaz de discernir entre o bem e o mal e, portanto, tornava-se responsável pelos seus atos. Nesse tempo, o menino tornava-se plenamente membro do povo de Israel, tanto do ponto de vista legal como do religioso. Nunca frequentou escola, aos pés de um rabino, mas é possível que tenha ido à escolinha do vilarejo, com sede na Sinagoga. A

procedência nazarena o desqualificava aos olhos das classes média e alta. *Mas Jesus crescia, não só em idade e estatura, mas também em sabedoria e graça de Deus.* (Lc. 2, 40).

Jesus começou sua vida pública mais ou menos com trinta anos, com o seu batismo feito por intermédio de João Batista, nas águas do rio Jordão (Mt. 3, 6-7). Depois de batizado, Jesus se prontificou em trazer para sua companhia aqueles que seriam seus discípulos. Em seguida, Cristo parte para a Galiléia. Lá chegando, participa de um casamento juntamente com Maria, sua mãe. Nesse casamento acontece o milagre do vinho (Jo 2, 6-8). Depois desse milagre, Jesus parte para Cafarnaum, cidade ainda da Galiléia, como Caná, onde tinha realizado o casamento. Sua mãe e seus discípulos o acompanharam, ficando poucos dias, pois a Páscoa se aproximava e haveriam de estar presentes em Jerusalém. Lá chegando, já no templo, Jesus expulsa com chicotadas vendedores e cambistas para que zelassem a casa de Deus (Jo. 2,13-17). O Messias permaneceu em Jerusalém enquanto durou a Páscoa, depois disso foi com seus discípulos para as margens do rio Jordão e lá batizavam a todos. E sua fama se espalhava a ponto dos fariseus comentarem sobre sua pessoa, fato este que o levou a Galiléia passando pela Samaria. Nesta cidade Jesus sente sede e pára próximo de um poço, onde compartilha da presença de uma samaritana que acaba de chegar. A esta Jesus revela sua natureza messiânica (Jo. 4, 25-26). Muitos samaritanos daquela cidade creram nele por causa da palavra da mulher que dava o testemunho. Chegando finalmente na Galiléia, mais particularmente em Caná, onde havia transformado água em vinho, Ele curou o filho de um funcionário real sem que para isso precisasse estar ao lado do menino doente. (Jo. 4,46-53). Sua missão continuava e provavelmente na festa de Pentecostes, Jesus novamente vai até Jerusalém e dá cura a um coxo, por ocasião do dia de sábado (Jo. 5, 8-9), o qual os judeus guardavam. E esse foi um dos motivos pelos quais os judeus perseguiam a Jesus (Jo. 5, 16-18). O nazareno vai para a outra margem do mar da Galiléia e uma grande multidão o seguia e Jesus então sobe à montanha e realiza o milagre da multiplicação dos pães, saciando a multidão. Nesse momento todos exclamavam que ele era o verdadeiro profeta que haveria de vir ao mundo, querendo fazê-lo rei. Jesus, sabendo disso, refugiou-se na montanha. (Jo. 6, 15). Depois Cristo atravessa o mar, deixando a multidão do outro lado.

Ele percorria toda a Galiléia evitando circular pela Judéia porque os Judeus queriam matá-lo. Porém com o advento da festa judaica das tendas, Cristo vai até a Judéia às ocultas, pois tinha que realizar a obra do Pai. Chegando lá, prega abertamente no templo e os Judeus admiravam sua sabedoria (Jo. 7,13-17). Ao encerrar a festa das Tendas, Jesus foi para o Monte das Oliveiras e com o nascer do sol já estava no templo ensinando. Enquanto isso Maria e Marta, irmãs de Lázaro, mandam um recado para que o Cristo viesse até Betânia, pois Lázaro estava muitíssimo doente. Depois de passar vários dias, o Cristo atende o pedido das irmãs, porém Lázaro já estava morto há quatro dias e Jesus o ressuscita (Jo. 11, 17; 39-43).

Os dias da vida pública de Jesus estavam acabando, pois os chefes dos Judeus já haviam sentenciado a morte de Jesus, principalmente depois da ressurreição de Lázaro; (Jo. 12, 9-11) e uma das últimas aparições públicas é a entrada triunfante em Jerusalém, aclamado por todo o povo como um verdadeiro rei (Jo. 12, 12-13).

## CRISTOLOGIA IV

### A DIVINDADE DE JESUS CRISTO E SUA PROPOSTA

É dentro dos termos da relação “Pai-Filho” que Jesus revela sua divindade, sugerida sem dúvida por suas atitudes, sua autoridade frente às tradições, sua reivindicação de direito à fé e ao devotamento incondicional dos discípulos etc... Tudo isso insinua sua transcendência, mas esta se define, em última instância, como a de um Deus “Filho”, não como a de um segundo Deus independente de Javé.

Quando a palavra “Pai” é usada para falar com Deus ou de Deus, deixa um testemunho claro da ligação entre as duas pessoas. Segundo São Marcos, no jardim das Oliveiras Jesus orou: *“Pai tudo é possível”* (Mc. 14, 36), demonstrando sua intimidade com Deus. Ainda podemos verificar em Lc. 23, 34; Jo. 11, 41; 17, 1-5, 21, 24.

Após glorificar ao Pai: *“Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra... tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o filho e aquele a quem o Filho quiser revelar”* Jesus acrescenta uma qualidade sobre o seu ser: Ele comunga com o Pai num mistério inacessível aos homens. *Só Deus conhece “O Pai”*. Esta reciprocidade no conhecer indica uma comunidade de natureza.

No evangelho de São João acham-se diversas afirmações deste modelo, num contexto geral, onde a divindade de Jesus está mais explícita. Ele, que desceu do céu e veio ao mundo (Jo. 3, 13; 6, 38-41, 51,62; 8, 23, 52-56; 16,27), e que, em sua pré-existência já usufruía a glória divina antes mesmo da criação do mundo (Jo. 17, 5,24), evidentemente alguém “que se faz igual a Deus” cada vez que o chama seu próprio pai. Sua divindade fundamenta o uso daqueles solenes *“Eu sou...”* que nos reporta, ao nome de Javé: *“Antes que Abraão fosse feito, Eu sou”* (Jo. 8,58), *“Eu sou a luz do mundo”* (Jo. 8,12)... Sempre, porém, esse ser divino, Jesus o entende possuir no modo de uma filiação, de uma procedência.

Em João 10, 30 encontramos a famosa frase: **“Eu e o Pai somos uma só coisa”**, afirmação forte, que abate de um só golpe toda e qualquer dúvida sobre a sua divindade.

Nos capítulos 14 a 17 de São João encerram-se muitas afirmações semelhantes. A função Messiânica de Jesus, se baseia numa relação de concepção eterna com o Pai, na qual está o principio de sua missão, de sua atividade reveladora, de sua identidade de interesses com os de Deus.

No capítulo 17 projeta-se um eco de diálogo entre as três pessoas da Santíssima Trindade, nas palavras que Jesus dirige ao Pai como a um “tu” diante do qual se defronta não só agora, mas desde todo o sempre.

A proposta de Jesus é baseada em diversos princípios que se revela numa doutrina nova, sublime. De maneira clara e simples, Ele convida o homem a ser seu seguidor, anunciador da boa nova à toda criatura, missão essa, confiada inicialmente aos seus Apóstolos: *“Ide antes às ovelhas que se perderam da casa de Israel. Por onde andardes anunciai que o reino dos céus está próximo”* (Mt. 10,6-8).

O Reino de Deus que Jesus propõe, vem trazer a libertação do povo oprimido, dos presos, dos cegos. Afirma Jesus, que os são não precisam de



médico, mas os enfermos; *não vim chamar os justos, mas os pecadores à conversão.* (Mc. 2,17).

Essa libertação, que através de Jesus deve ser plena (corpo e espírito) pode ser ilustrada em várias passagens do Novo Testamento, como aquela em que Ele foi um dia à reunião dos Judeus na cidade de Nazaré, e lá leu o livro do Profeta Isaías, onde foi escolhida a passagem: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para por em liberdade os cativos, para publicar o ano de graça do Senhor”.* (Lc. 4, 16-19).

Várias vezes Jesus afirmou: *“O reino de Deus está próximo”* (Mt. 4,17), na vontade de dizer a todos, que os homens são chamados a construir também este reino.

Em outros momentos Jesus mostra que é necessária a libertação da escravidão, da riqueza e do lucro (Lc. 18, 22-23); por isso vos digo: *Não vos inquieteis quanto à vossa vida, com o que haveis de vestir*” (Mt. 6,25); *“se quiseres ser perfeito, vai venda tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu, depois vem e segue-me”* (Mt. 19,21); *“Felizes vocês, os pobres, pois o Reino de Deus é de vocês”* (Lc. 6,20). Isaías havia profetizado que viria um Reino de libertação para o povo pobre e sofrido. Esse Reino tem suas raízes na esperança de Jesus, que é *CAMINHO, VERDADE E VIDA* (Jo. 14,6)”. Para entrar nesse Reino é necessário se libertar do ódio e do desprezo pelo outro (Mt. 7,1-3), libertar-se da sede de dominação (Mc. 10,42-44), e ser manso para possuir a terra (Mt. 5,5).

A proposta de vida de Jesus Cristo vai mais fundo quando Ele diz: *“Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos amaldiçoam, rezai pelos que vos caluniam. A quem vos bater numa das faces, ofereci também a outra”* (Lc. 6,27-29). Nunca devemos desejar estar acima dos outros, mas antes ser servos e submissos a todas as criaturas por causa de Deus. (Mt. 20,26-28).

Por sermos filhos do mesmo Pai, Jesus cita: *“O maior mandamento da Lei é: amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito”* (Mt. 22,37). E o segundo é semelhante a este: *“Amarás a teu próximo com a ti mesmo”* (Mt. 22,39). *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos* (Jo. 15,13).

Felizes todos os homens que vivenciam estes princípios e principalmente a grande proposta de amor de Jesus Cristo, pois quando vier na sua glória, os seus anjos sentar-se-ão no seu trono glorioso e todas as nações se reunirão diante Dele, e Ele separará uns dos outros... Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. O Rei dirá aos que estão à direita: *“Vinde benditos de meu Pai, tomai posse no Reino que vos está preparando desde a criação do mundo”* (Mt. 25, 31-46).

## CRISTOLOGIA V

### **A PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DE N. S. JESUS CRISTO**

Se examinarmos os fatos da condenação de Jesus, notaremos que existiram dois aspectos que concorreram para tal: um de ordem política, outro de ordem religiosa.

Do lado político, Jesus foi acusado de insuflador do povo e desrespeitador das autoridades romanas. Já do lado religioso, entram em cena as autoridades religiosas do povo Judeu, constituídas do Sinédrio, que procuram centralizar as atenções no crime da ameaça de destruir o Templo Santo de Jerusalém (Mc. 14, 58).

Diante de todas essas acusações, perante o Pretório e o Sinédrio, Jesus é condenado à morte; ainda que a última e principal acusação que é no contexto político: *“Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”*. (Mc. 15, 26).

O chefe dos Sacerdotes e os Escribas procuravam como prender Jesus por meio de um motivo para matá-lo. Diziam: *“Não durante a festa, para que o povo não se revolte”* (Mt. 26, 1-5). Os Escribas e Fariseus tinham medo de prendê-lo, porque o povo o considerava Profeta (Jo. 7,40-44).

Jesus saiu do Cenáculo, atravessou a torrente de Cedron e dirigiu-se com os discípulos ao Monte das Oliveiras. Perto de lá havia um horto, chamado Getsêmani, e também Judas já conhecia este lugar, pois Jesus já tinha ido várias vezes com os seus discípulos. Todos eles estavam presentes quando Jesus foi entregue aos soldados por Judas. Pedro e João o seguiram até o Sinédrio, onde Jesus foi levado à casa de Anãs, que era sogro de Caifás, Sumo Sacerdote naquele ano. Anãs interrogou Jesus sobre os seus discípulos e sua doutrina e o enviou amarrado a Caifás, que estava reunido com os Escribas e os Anciãos. Porém não tendo poderes para matá-lo, Caifás envia Jesus à presença do Governador Pilatos. Este o interrogou: *“És tu o Rei dos Judeus?”* e Jesus declara: *“Tu o dizes”*. Pilatos certificando-se de que Jesus pertencia à jurisdição de Herodes, transfere-o para este (Lc. 23, 1-7).

Vendo Jesus, Herodes ficou muito contente, pois há muito tempo que ele queria vê-lo, pelo que ouvia dizer Dele, e esperava ver algum milagre feito por Ele. Entretanto os chefes dos Sacerdotes e os Escribas lá estavam, e acusavam-no com convicção frente a Herodes, e este juntamente com sua escolta, tratou com desprezo e nojo e o enviou de volta a Pilatos. (Lc. 23,8-11).

Naquela época era costume o Governador, na festa da Páscoa, dar liberdade a um preso escolhido pelo povo. Havia um homem chamado Barrabás, um ladrão que fora preso por alguns crimes, e quando Pilatos pergunta ao povo: *“Qual quereis que vos solte, Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo?”* (Mt. 27, 26); Os príncipes dos Sacerdotes, os Anciãos e os Escribas influenciaram a multidão para que pedisse Barrabás e mandasse matar Jesus, e assim aconteceu; Barrabás foi solto e Jesus condenado à crucificação (Mt. 27, 20-26). Depois, os soldados do governador levaram Jesus para o Pretório (Mt. 27, 27-31).

A crucificação era pena decretada pelos romanos, principalmente para os escravos, e a qual era uma humilhação tanto moral, quanto espiritual, num ritual em que o condenado levava sua própria cruz até o local da execução.

Era pelo meio dia quando Jesus chegou ao alto do calvário. Foi então que o Cordeiro de Deus se estendeu sobre a cruz, os soldados lhe cravaram as mãos e os

pés no madeiro com enormes pregos. Em seguida levantaram a cruz, ficando Jesus suspenso entre o céu e a terra. Ao mesmo tempo, crucificaram dois criminosos, um à direita, outro à esquerda de Cristo.

No alto da cruz, Pilatos mandou colocar uma inscrição que indicava a causa da condenação de Jesus (Mc. 15,26; Mt. 27,37).

Jesus na cruz é escarnecido e injuriado, principalmente pelos Príncipes dos Sacerdotes, Escribas, Anciãos e Fariseus (Mt. 27, 39-44).

Era pela hora sexta (cerca do meio dia) quando espessas trevas cobriram toda a terra, até a hora nona (cerca de três horas da tarde), quando Jesus exclamou em grande voz: *“Eli, Eli lema sabachtáni?”* (*“Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”*) (Mt. 27, 46). Após isso, alguns que ali estavam e ouviram isso, ainda O escarneceram, oferecendo-lhe uma esponja com vinagre; finalmente Jesus deu um grande brando e expirou, e o véu do templo se rasgou em dois, de alto abaixo (Mt. 27,50-51; Mc. 15,37-38). Estava tudo consumado (Lc. 23. 46).

Próximo ao lugar onde Jesus foi crucificado, possuía, José de Arimatéia, um Jardim. Ali tinha mandado cavar na rocha um sepulcro novo. Neste sepulcro, onde ainda ninguém havia sido depositado, colocaram o corpo de Jesus, fechando sua entrada com uma grande pedra.

Reuniram-se os Príncipes dos Sacerdotes e os Fariseus na casa de Pilatos, e lembraram que Jesus tinha falado quando em vida: *“Depois do terceiro dia eu ressuscitarei”*. De imediato o sepulcro foi guardado com segurança até o terceiro dia, colocando soldados e uma grande pedra para selar sua entrada.

No primeiro dia da semana, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Maria Salomé, foram levar aromas para embalsamarem o corpo de Jesus (Mc. 16,1-2), e eis que houvera um grande terremoto (Mt. 28,2).

Os guardas correram até a cidade para anunciar aos Príncipes dos Sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido no sepulcro. Os guardas reunidos com os Anciãos, Escribas, Príncipes e Sacerdotes, tomam o conselho dos líderes dos Judeus, decidindo receber muito dinheiro para que espalhassem o seguinte boato: *“Vieram de noite os seus discípulos, enquanto estávamos dormindo e o furtaram”*. E foi divulgado este dito entre os Judeus, que assim o crêem. (Mt. 28,15).

Jesus aparece aos dois discípulos que iam para uma aldeia chamada Emaús, a qual está distante de Jerusalém (Lc. 24,13-35). Depois Jesus aparece duas vezes a seus discípulos no cenáculo, onde instituiu o Sacramento da Penitência (Jo. 20,20-23).

Outras aparições de Jesus acontecem no lago de Tiberíades e na montanha da Galiléia: a segunda pesca milagrosa de Jesus. Cristo faz Pedro posto supremo (Jo. 21,1-17). Depois os onze apóstolos foram à Galiléia, ao monte que Jesus tinha indicado e chegando lá Ele aparece-lhes e falou da sua missão: *“Foi me dado o poder no céu e na terra. Ide pois, institui todos os povos, batizando-os em nome do PAI, do FILHO e do ESPIRITO SANTO.* (Mt. 28, 16-20).

Acabadas suas instruções, foi Jesus com os apóstolos para Betânia, lá levantou as mãos e os abençoou (Lc. 24, 50-52).

Os anjos anunciaram sua volta, que será no mesmo modo como subiu (At. 1,10-11).

## CRISTOLOGIA VI

### A ESCATOLOGIA CRISTÃ

Um dos pontos centrais da revelação Divina é a doutrina da Escatologia (*“Eschatos” = fim do homem e do mundo*), a qual abrange em seu conteúdo, além dos temas do fim do homem e do mundo, a ressurreição dos mortos, a volta de Cristo, o juízo universal, com conseqüentes penalidades e recompensas eternas.

Já no Antigo Testamento há preparação, embora de maneira lenta, dos temas desta doutrina, que serão ratificados e melhorados por Jesus Cristo e seus apóstolos, a partir da concepção, mesmo ainda imperfeita, de uma retribuição do bem e do mal e de uma continuação da vida após a morte.

Todavia, só no final da revelação do Antigo Testamento é que aparecem afirmações mais claras de uma retribuição dos mortos (Dn. 12,2-3; 2Mac. 7,9), de uma vida feliz para os bons, justos de Deus (Sab. 5,15) e de um castigo eterno para os maus (Sab. 1,9-12 e 4,17-20). Porém essas idéias, por vários motivos, não encontraram a fé esperada na pátria-mãe, e os numerosos escritos judaicos deste período mostravam uma variedade incrível de posicionamentos, que muitas vezes se contradiziam no que dizia respeito à doutrina Escatológica:

#### **O fim do mundo**

Este é claramente afirmado. Haverá um *“fim do século”*, que concluirá a história humana (Mt. 13,39.49; 28,20), e se iniciará o *“século”* futuro (Mc. 10,30). Em João e só nele, aparece a expressão *“último dia”* (Jo. 6,39.44.54; Mc. 13,31). Com estas palavras Jesus ratifica a crença segundo a qual o nosso mundo um dia deixaria de existir, pelo menos à sua maneira atual, para dar lugar a um mundo novo e melhor (Mc. 14,25; Lc. 22,16), compatível com a dignidade dos seus felizes habitantes, ou seja, aqueles que herdarão o reino eterno.

Sobre os detalhes de como se dará este fim, Jesus não revela muita coisa, a não ser numa linguagem figurada. Por isso, quem quiser discutir o fim do mundo no discurso Escatológico, deve ter em mente que a linguagem aí utilizada é simbólica, e qualquer fechamento de questão sobre o assunto seria, no mínimo, arriscada.

Fora dos evangelhos, os Apóstolos retomam o comentário sobre o fim do mundo com alguns complementos importantes. A segunda epístola de S. Pedro parece querer descrever como o mundo terminará (2Ped. 3,10-12). Porém o mais importante é o que se segue: *“Em seguida esperamos novos céus e uma nova terra, segundo sua promessa, onde habitará a justiça”* (2ped. 3,13). Já S. João afirma: *“Vi um novo céu e uma nova terra. De fato, o primeiro céu e a primeira terra, tinham desaparecido e o mar já não mais existia. E vi a cidade Santa, a nova Jerusalém, descer do céu ... E ouvia uma voz que dizia: eis a morada de Deus com os homens, e morará com eles”* (Apoc. 21,1-3). É claro que nestas passagens há muito simbolismo, típico do gênero apocalíptico, porém é difícil que nelas não haja nenhuma afirmação direta, pois em nenhum momento na Sagrada Escritura o fim do mundo foi apresentado como redução do universo ao nada, sendo pelo menos provável a afirmação de uma renovação do mundo físico, no qual a humanidade ressuscitada habitará com Deus pelos séculos eternos.

### **Parusia**

O vocábulo é helênico (visita triunfal de um soberano a uma cidade), mas no Novo Testamento ele quer significar a vinda (ou à volta) de Jesus na sua condição de Messias glorioso, no fim dos tempos.

Nos Evangelhos poderíamos apontar várias passagens que falam deste tema: *“Quem se envergonhar de mim e de minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, também o filho do Homem se envergonhará quando vier na glória de seu Pai com os Santos Anjos”* (Mc. 8,38; Mt. 25,31). Também tal volta é formalmente prevista na parábola dos dez marcos (Lc. 19, 11-27).

De suma importância sobre o assunto é o Evangelho de S. João, pois nele fala-se de modo a não deixar dúvidas sobre a vinda definitiva de Jesus Cristo (Jo. 21,22; 14,3; 1Jo. 2,28).

Fora dos Evangelhos é S. Paulo quem traz mais novidades sobre este assunto. Primeiro que nem todos dormiremos (no sono da morte) (1Cor. 15,51), pois o dia de vinda gloriosa de Jesus encontrará alguns vivos, justamente *“deixados”* para a Parusia do Senhor (1Tes. 4,15-17), para um triunfo mais completo sobre a morte (1Cor. 15,54-55). Então eles, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta, achar-se-ão *“transformados”*, com seu corpo corruptível e mortal *“revestido”* de imortalidade e de incorruptibilidade (1Cor. 15,51).

Outra passagem de São Paulo que fala da Parusia é a 1Tes. 4,16.

Quanto ao tempo da vinda gloriosa de Cristo, a única coisa afirmada claramente por São Paulo é a nossa ignorância (1Tes. 5,1-3), e que haveria de passar um espaço de tempo para que esta acontecesse (2tes. 2,1-12), e mais tarde dá-se uma idéia cronológica deste espaço (Rom. 11,25). Insiste-se, em 2Ped. 3,3-9, que o dia do Senhor virá logo, porém ressalta-se que um dia diante do Senhor é como mil anos e que mil anos são como um só dia.

### **O juízo universal**

Entre os temas da Escatologia este é o que Jesus Cristo faz mais referências, pois este condiciona e coroa todos os outros.

O Juízo será precedido pela ressurreição dos mortos, as vezes parecendo que Cristo se refere apenas à ressurreição dos justos (Lc. 14,14), e às vezes a ressurreição de todos: *“Os que fizeram o bem para a ressurreição da vida, e os que praticaram o mal para a ressurreição da condenação eterna”* (Jo. 5,29).

Como a ressurreição, o juízo também será universal; em todo o campo (o mundo) será feita a colheita (Mt. 13,38-41), e toda criatura será julgada (Mc. 16, 15-16). Mas o juízo não se fará em massa, e sim individualmente: *“a cada um se pedirá conta de suas obras”* (Mt. 16,27).

Quanto ao Juiz, às vezes se entende que é Deus (Rm. 2,6-7; 1Cor. 4,5). Entretanto, freqüentemente Jesus apresenta-se como a si mesmo como juiz (Mt. 7,22-23). Separará os bons dos maus e pronunciará a sentença irrevogável de salvação ou de condenação (Mt. 25, 31-46). Na verdade o Pai não julga ninguém, mas todo juízo foi dado ao Filho (Jo. 5,22), ou como diz São Paulo: *“Deus julgará o mundo por meio de Jesus Cristo”* (Rom. 2,16).

Quanto aos critérios em que se baseará o juízo, estes são reservados às condições morais e religiosas. Não servirão para nada os privilégios de raça: pertencer a Israel será até causa de maior rigor (Mt. 11,21). Será avaliada cada ação (Mt. 16,27) e não sobre o exterior, mas sobre as intenções escondidas (Mt. 5,28;

6,1-6); sobre o fruto conseguido (Mt. 7,19); sobre a execução da vontade do Pai (Mt. 7,21); sobre os juízos emitidos (Mt. 7,1); até sobre a caridade para com o irmão necessitado (Mt. 25, 31-46). Para dizer tudo em uma só palavra, o critério definitivo será ter ou não aceito a Ele e sua mensagem, ter “*acreditado*” (Mc. 16,16).

Este Juízo será a prova de outros juízos. O primeiro é o de cada um durante a própria vida “*agora*” (Jo. 12,31); “*quem não crê já está julgado*” (Jo. 3,18). O segundo acontece logo após a morte de cada um, é o juízo particular, representado na passagem do rico que vai para o inferno depois da morte (Lc. 16, 22) e a do bom ladrão: “*hoje mesmo estarás comigo no paraíso*” (Mt. 25,46).

Sobre o tempo da Parusia e do Juízo Jesus disse uma coisa: “*vigiai, pois não sabeis nem o dia nem a hora*” (Mt. 25, 13).

Fora dos Evangelhos, São João e especialmente São Paulo reforçam o ponto de vista do Juízo já realizado (Rom. 8,29-39), mas isso não nos retira da obrigação de comparecer diante do tribunal de Deus para prestarmos contas (Rom. 14,10), vivos e mortos (2Tim. 4,1).

Por tudo isso entendamos que desde agora estamos “*salvos*”, mas só em esperança (Rom. 8,24), e até o último dia é possível a mudança para todos, bons e maus, uma mudança de sorte. Por isso, embora não tenhamos recebido “*um espírito de escravidão que nos leva ao temor*” (Rom. 8,15), é necessário com temor e com tremor operarmos a própria salvação eterna (Fil. 2,12).